

REVISTA "A Violeta". Ano 8, nº 128. Cuiabá, 26 de setembro de 1925.

# A VIOLETA

Orgam do Grem'õ Litterario Julia Lopes

Publicação mensal — Directora — BERNARDINA RICH

Anno VIII || Cuiabá, 26 de Setembro de 1925 || N.º 128

## Chronica

**E**STEVE em festas a 13 do corrente o "Alencastro" — o predilecto jardim cuiabano —

Motivou-as a Kermesse em beneficio das obras do Bom Despacho, o bellissimo templo que se ergue, magnifico, em um outeiro que domina esta cidade, O Bom Despacho, casa de aspecto antiquado, foi a morada da Missão Franciscana que aqui deixou lembranças inextinguiveis, duradouras; e, como se não fossem bastante essas obras de caridade e religião, Frei Ambrozio Daydêe idealizou, ou melhor, quiz edificar junto á quella modesta casa onde viveu, um sumptuoso templo. E tanto era o seu esforço, a sua dedicação, que todos em geral, se apresentavam contentes para o auxilio da grandiosa obra, e assim se iniciou a tradicional Kermesse para o levantamento do Templo.

Hoje, não mais está á testa do serviço esse zeloso sacerdote, mas a fé e o desejo do povo, de ver concluida a igreja não diminuíram, e disto a mais cabal prova é a animação de todos, apesar da carestia da vida que por ahí vae, todas as vezes que se faz mister concorrer para dar um impulso a essa obra gigantesca.

E esse povo confia e espera nas energias do digno substituto de Frei Ambrozio e do zelo e carinho de D. Aquino Corrêa, para que se conclua essa obra que attestará eternamente a constancia e a força de vontade dos seus iniciadores, dos seus responsaveis e dos seus protectores.

\* \* \*

Duas representações theatraes foram levadas em scenas no decurso do mez, e ambas pela mocidade prom sso-ra da nossa terra.

Um theatro tem sido o sonho de todos os jornalistas desta terra, que, de tempos em tempos appellam para o mu-

nicipio pedindo a construcção de um theatro nesta cidade, e o assumpto tem sido como muitos sutros, objecto de apello somente, e problema dependente de solução.

E dentre todos, um nome é apontado, sem vacillação, para encarregar-se da empreza — o do Sr. Manoel Bodstein — o homem que, no dizer do citado jornal sta patricio, « não nasceu para ser o que é — nota io — ».

Eu tambem desejaria un theatro, não de revistas somente, que tem muita graça e pouca escola, mas, de um verdadeiro theatro, onde se pudesse estudar bem a nossa lingua, desenvolvendo-a com esmero.

\*  
\*  
\*

Fallando em desenvolvimeto da lingua, não posso calar-me diante a iniciativa que tomou a Cruz de trazer em suas columnas um estudo da nossa lingua.

Está essa secção a encargo de Cesario Netto, e se intelligente e estudioso que todos conhecemos, e que ao envez de se gastar em innovações e modernismos, estudará e discutirá sobre a verdadeira lingua de Castiho, nessas columnas, que semanalmente, virão trazer-nos licções que devemos ler com attenção e procurar conhecer com interesse.

Que os amantes das lettras

recebam, pois, com uma solva de palmas a "Chronica de Linguagem".

É Cesario Netto que não teme e nem temer devia os fructos amargosos desse ingrato mister, ficará contente porque o seu fim é justo e nobre, e com elle devem se interessar todos os que se dizem bons brasileiros, pois disvirtuar a lingua que é a nacionalidade propria, é um crime, é uma falta de patriotismo, crime que muitas e repetidas vezes commetemos por uma falta de estudo, falta que nos vem sanar a — Chronica de Linguagem —

ARINAPI

## Noite de inverno...

Quadra madrasta para os passarinhos,  
Que vão em busca doutras regiões,  
Mas ha na vida, um inverno mais triste  
— A indifferença em nossos corações..

Julho! Nimbus cerradas aco-  
tovellam-se, anciosas por se  
desprenderem das alturas...

Pela vastidão do espaço, o  
vento frio, cortante, redemoi-  
nha, assobiando por entre os  
galhos desnudados de folhas...  
É, a terra sedenta estende à Di-  
vina Provideueia sua vasta  
mão a esmolar-lhe, coitada,  
um obulo de humidade...

— Meu pensamento vòu pa-  
ra um recanto duma floresta  
inimisa, onde imagino estar

vendo uma arvore bastante an-nosa, e, scismo: — És e ser que se nutre, respira e sente a seiva vital percorrer lhe o corpo, não terá mesmo um coração? Não haverá entre os vegetaes laços de familias, como os ha entre os homens? Não repre entará este colosso, o pae duma próle numerosa? Talvez... E aquella héra não lhe será uma esposa meiga e fragil, que o enlaça não fortemente como a lhe pedir defeza contra o vendaval inclemente? E aquelles arbustos finhos que lhes estendem os bracinhos hirtos, não serão os fructos de amôres certamente mais puros do que os que reinam cá entre os humanos? Não sei... Aos futuros naturalistas caberá desvendar este segredo que advinhô haver no seio das flores as!...

Adormeço com este frivolo enigma a campear-me o pensamento...

Despertô sobresaltada com os estampidos de raios, que de espaço à espaço, cortam o ennegrecido manto da noite...

E fito a imagem da Virgem Immaculada, que com olhos maternas, parece dizer-me:

— Descança, filha minha... Vélo por ti... Adormece em paz... Murrulo-lhe então: Mãe, Mãe: minha, estas reacções dos elementos, já não me atemorizam... Infinitamente maiores são as tempestades que se desencadeiam neste orphão

coração... E, ao longe, ribomba o trovão, mas, dum fragor suave, agradável até, semelhante ás recordações das missidencias dum pa sado bem remoto...

E o frio recrudesce... E as arvores sobreviventes erguem seus galhos secco; para os ceus... Tremenda conflagração... Pobres plantas! Consolai-vos commigo... Si vêdes vossas folhas tombarem enregeladas pelos caprichos duma egoista estação, também vejo derrubados por te ra, castellos mil de minhas illusões...

Sois mais felizes que eu, pois, na proxima primavera tereis vossas flores odorósas e vossas folhas dum lindo verde gaio... Não tendes corações para sentirdes e não sentindo, não podeis soffrer! Emquanto a mim, sou qual nauta perdido em noites de tormentas... Em ignoto mar... Em busca dum pharol...

*Elle?* Alcançará a meta desejada... Eu? jamais... O pharol que procuro com ancia é um ideal impossivel, como o mais impossivel de todos os impossiveis de toda a Creação!?

E lá fóra o vento frio saracoteia ancioso, chicoteando as arvores, que, arqueadas, entoam canções de martyres...

PAGINA AMERICANA**ERASE QUE SE ERA...**

Voy a contar-te un cuento, mi Vida. (Yo quisiera decir-te al cído)...

Erase que se era un viejo peregrino del ideal, un niño con la cabeza blanca... ¡ Como es blanco el armiño, símbolo de pureza!

Como sé que los años se cuentan, en la vida vulgar, por desengaños, te diré que aq el viejo soñador, todavía a los cincuenta años, veinticinco tenía. Vagando en los senderos del arte, una mañana en que el Sól se lavaba en la fontana de un rincón de Versailles, mi viejo peregrino se detuvo en un brusco recodo del camino, y, sentado a la sombra de un arbuto, se puso a meditar. Un mago sin duda lo dispuso, pues fué cosa de magia la aparición raiante que asomó a los ojos del viejo caminante. Ella era una chiquilla toda fulgor: tenía, la edad en que los años no pesan todavía. Como una flor de carne, pequeñita y graciosa, cuentan que había matado de celos a una rosa; y que, prendados de ella, dos bravos caballeros, al pie de su ventana cruzaron los aceros más de una vez. Y cuentan que, al chocar las espadas volvíanse dos varas de nardos encantadas, y los dos combatientes, de puestas sus enojos, perdíanse en las sombras, con el sol en los ojos. Pasó como una vaga visión de encantamiento, y el viejo, pensativo, tuvo un deslumbramiento de prodigio: sus ojos quedaron llenos de Ella, lo mismo que nos quedan cuando pasa una estrella fugaz. Y desde entonces, el triste peregrino tuvo luz suficiente para todo el camino. Y así termina el cuento, mi vida, que quisiera decirte al cído...

Erase que se era...

# PALESTRA

Era uma bellissima tarde outonal.

O ast o rei já descambava no horisonte, onnunciando o crepusculo, quando, dentre as nuvens que polychromavam a abobada celeste, surge o plenilunio desferindo raios sobre myriades de seres que pullulam á superficie deste planeta.

A' essa hora sentada á porta de uma vetusta choupana, Alpha entretem animada palestra com a sua adorada titia Altair, sobre assumptos varios.

Entre estes dissertavam acerca da existencia ou melhor da formação do globo terraqueo.

— Este, dizia Altair, era uma fusão incandescente que, depois, pelo effeito do resfriamento de sua massa ignea, solidificou-se; tal é o periodo anti-diluviano,

Periodo esse em que appareceram as primeiras rochas graniticas, razão pela qual o granito é considerado como a mais antiga rocha.

Após o phenomeno solidificador do Universo appareceram outros e outros os quaes são innumerous, mas, o que mais me chama a attenção é do apparecimento do ser mais perfeito da creação paleontologica — o homem.

Porque?! Aguilhoou Alpha — Bem, replicou Altair, eis o seguinte:

Uns geologos affirmam que o homem é de origem quaternaria, outros são de opinião que o seu apparecimento data do periodo terciario, entre tanto, a mais geralmente aceita é a que ficou dito acima.

Antes de pingar o ponto final nesta parlenga, vou dizer-te mais, Alpha, que as idades prehistoricas do homem foram tres: a "idade da pedra lascada", a "idade da pedra polida" e a "idade de bronze".

— Que quer isso dizer, titia?

— Sabes! o homem no seu estado primitivo levava a sua vida rudemente, isto é, tal qual o foi creado, sem instrucção e, portanto, sem preparo intellectual — é o periodo da "pedra lascada". Após este, apparece o tempo em que o homem já se instrue para obter conhecimentos relativos ao seu desenvolvimento intellectual é a "idade da pedra polida", e, finalmente, o ultimo periodo, o da evolução "integral" do ser humano concernente á arte e á industria e com esta o periodo historico é a "idade de bronze"

— Oh! Muito obrigada titia, por proporcionar me essas contestações!

— Muito mais obrigada fi-

*co eu querida sobrinha, pelo teu interesse educacional*

*E, apesar do disco luminoso do satellitz ostentar a sua magnitude resplendente, aquellas duas almas irrequietas pelo saber, já se iam sentindo apoderadas pelo Morpheu o qual fez paralisar a palestra que estava sendo tambem applaudida de uma sala contigua pela*

HEBL.

---

## VISITADOR APOSTOLICO

Desde 3 do corrente, Cuiabá hospeda com raser o Revmo. P. Marcello Rnaud, que, em nome de S. S. o Papa Pio XI, visita a nossa longinqua Archidiocese, acompanhado de seu secretario

Recebido pelas pessoas de maior destaque, o illustre visitante tem merecido inequivocas provas de carinho da nossa sociedade

E' com muita satisfação que A VIOLETA saúta o Embaixador do Vaticano.

---

Desde alguns dias temos o grato prazer de vêr em nosso meio o illustrado Dr. Amarilio Novis e sua exma. esposa, nossa presadissima con-

socia e amiga D. Maria da Gloria de F. Novis, vindos de Rosario Oeste.

A VIOLETA, satisfeitissima, apresenta-lhes a sua carinhosa visita, com votos de longa permanencia na sociedade onde são immensamente estimados.

---

## A CRUZ

Depois de alguns mezes de interrupção na sua publicação reapareceu esta valorosa collega, que, com o seu apparecimento veio preencher importante lacuna em nosso meio.

Redigi-la por fulgurantes penas, estamos certas que continuará a trilhar a senda brilhante que sempre seguio.

---

A LIGA CATHOLICA, nesta Capital, inaugurou a sua séde no Seminario Arceiepiscopal, a 8 do corrente, comparecendo a esse acto alem do Presidente do Estado, altas autoridades civis e militares.

Fazemos votos pelo seu progresso crescente.

---

Sêde patriotas !

Combatei o

ANALPHABETISMO!

# CONTO GAUCHO



Chegara para Luciano a hora de partir.

Não comprehendia a preocupação do seu pae, não sabia bem o porque das continuas insisências em certas horas de palestras confidenciaes com d. Maria a sua mãe.

—Luciano já tem 13 annos. Aqui na roça não temos mais escola que lhe sirva.

—Mas para Europa! tão longe, o que será do nosso fitho?

—Será o que Deus quizer. Triste para nós, bem para elle. Longe da saia materna desenvolve-se o character de iniciativa e de lucta. Luciano tem magnificas qualidades. E' forte, é intelligente. O que será d'elle nesta estancia? Um tropeiro como qualquer outro um gauchou valente e inculto. E tu sabes qual é o meu grande desejo—Quero ver o Doutor, Luciano não pode ficar um bruto como o seu pae.

Bruto chamava se Ignacio Robles, o estancieiro mais progressista das margens do Jaguarão. Bruto porque não tinha um diploma, elle a prudencia personificada, a honestidade a toda prova! Bruto, Ignacio Robles, um moço de 65 annos, bastante baixo, robusto, rosado, musculoso, bello até, em seu rosto rude e casaco, onde debaixo da sombra de duas

sobrancelhas pretas, faiscavam dois olhos c st.nhos, grandes, ins.nuantes, que tinham a calma soberana do leão — e a penetração hipnotica do magnetismo.

Diziam as velhas visinhas, que nunca apparecera por aquellas bandas moço mais guapo e insinuante. E seus companheiros de labuta campestre, elles tambem valentes, respeitavam com carinho Ignacio Robles — a primeira faca, o primeiro tabuco, o primeiro laço de toda aquella vasta redondeza.

E quando Ignacio fallava era em ultima instancia.

Luciano ia partir.

Lá na sala D. Maria arrumava as malas de viagem. — Ainda esta camisa Mais este doce. De quando em quando um longo suspiro, uma lagrima furiiva. E por qualquer motivo voltava-se para o fi'lho, contemplava o longamente, como querendo gravar bem essa imagem querida na retentiva materna.

Luciano, o jovem intelligente e bello, intrepido e nobre que herdava todas as virtudes gauchas do velho pae — ia partir. Luciano o rei de todas as festas e o gigante maravilhoso e temerario dos radeios e das ferras!

Sobre a cama de Luciano havia sempre um crucifixo que elle cos

tumava brujar depois de recitar as suas três av. Marias. O bello crucifixo de madeira obscura ouvira tantas vezes as preces de Luciano e fôra testemunha dos seus propositos e confidente das suas lagrimas.

Mais de uma vez o invocara fervorosamente por um cordãozinho mais lila o, por um bezerrinho preferido para que as onças não o comessem, e especialmente rezara por Primor, seu soberbo cavallo escuro, seu companheiro de jornadas a outra metade do seu "cu" livre, galhardo e intelligente,

—Luciano, ponha este crucifixo na tua mala. Em Paris não deixarias de invocá-lo, lembrando-te da mamãezinha verdadeira?

—Sempre mamãe: .Essen'iu um nó na garganta.

O dia anterior tinha percorrido a fazenda pela ultima vez e em companhia de Eulalia, a sua bella priminha de 10 annos, tostada pelo sol, de cabellos obscuros como a noite, de labios de cora, e olhares de fogo.

Viram as avisas' passaram pelo Jaguarão Chico, o rio querendo dos banhos no verão, das pescarias nocturnas e dos passeios campestres a sombra dos salgueiros e dos sarandis.

—Lalia, lembra quando jogamos as regatas com barquinhas de papel?

—E quando tu, Luciano, salvastes o Totô!

Totô era o cachorrinho lúú, companheiro inseparavel da menina — No meio das regatas, Totô atira-se detraz de um barquinho de papel. A correnteza o venceu. E lá ia aguas abaixo latindo dolorosamente, fazendo inúteis esforços para conseguir salvar-se.

Eulali, desesperrava-se, chorava, rava, dava ordens ao Totô, como se elle, o cai arinho, pudesse ouvir. E quando tudo pareceu-lhe perdido, olhou para Luciano. Não era elle um homemzinho? Luciano não teve um momento de duvida. Correu até o remanso. Atirou-se ao rio, pegou o lúú, e sorrindo o entregou á menina.

Eulalia abraçou-o emacionada. Rebentou uma correntezinha de prata que levava no pescoço e a offerreciu a Luciano. Luciano não aceitou.

A menina contou a todo o mundo a façanha do primo, e desde aquelle dia foram mais amigos.

Amigos, mas agora havia alguma cousa mais. Uma sympathia mysteriosa ligava aquellas duas flores das cochilhas.

Porque esse sentimento tão pronunciado ao ter que abandonar Eulalia? um sentimento que ganhava terreno a medida que chegava a hora da partida, um sentimento que quasi se igualava ao que sentia abandonando os seus paes, e abandonando o "Primor"?

O "Primor" como era bello caracolando orgulho-o nos seus arreos prateados! O "Primor" de pescoço redondo, narinas largas e orelhas pequeninas. O "Primor" das carreiras vencedoras e dos rodícios esfalfantes e dos passeios damingueiros.

E Eulalia. Esse nome parecia-lhe tão sem graça, e elle o pronunciava agora devagar, carinhosamente, fruindo-lhe toda a assonancia das suas vogaes hellenicas — Eulalia!

Naquelle menina e naquelle cavallo concentrara tanto carinho, tanto!

—Lalia, vés aquelle cypreste?

—A tumba da vovó!

—Vamos resar por ella e deixar algumas flores.

Resaram. Depois em silencio voltaram para as oasas. Já era tarde, longe alardeava o "quero-quero", e uma aragem bastante fria dobrava as hor ensinhás do alfafal, e pintava de rosicler as faces sadias dos jovens ginetes.

Era hora de partir. Fazendeiros, vizinhos, amigos e compadres do Coronel Ignacio, lá estavam no botafóra de Luciano Robles. Lá estava o padrinho José e a madrinha Luiza, fazendeiros italianos que o amavam como um filho.

Lá estavam nos seus vestidos engommados e perfumada cabelleiras as primás e parentes que era um nunca terminar, Maldonado o negro que tomava conta de Primor. Nha Candinha, a negra cosinheira que lhe fazia pastéis nos aias de chuva para acompanhar o chimarrão. Laurindo um mocinho impertinente e rico, a quem dera um dia uma lição de reelhos, por qualquer coisa que tinha dito de Eulalia.

Nam canto da sala, D. Maria chorava desesperada, quasi desmaiava de um momento a outro.

Lá fóra, perto de um curial, o velho Ignacio fumava um toscano, apertando os labios, por dissimular o seu sentimento infinito.

Muito choravam. Todos estavam tristes.

—Luciano un doutor? Luciano a flor dos estancieiros gauchos das margens do Jaguarço?

E o velho Ignacio estava quasi arrependido dessa vaidade que lhe feria as entranhas.

Luciano despediu-se do Primor, deu-lhe um abraço, aperiou-

lhe a cabeça entre as palmas das mãos, disse-lhe alguma coisa, um segredo importante, talvez, e deixou uma flor sobre os arreios de prata, outra sobre a palançada, debaixo de velho sarandy onde costumava amaral-o.

Com um sorriso triste foi se despedindo de todos. Todos choravam e o cobriam de beijos.

—Adeus Luciano. Luciano volte logo.

E elle apertava os dentes e não queria chorar.

Passou diante da cosinha—Nha Candinha fingia lavar um prato.

—Nha Candinha, até a volta!

—Deus o guie, meu filho, e rompeu em soluços.

Luciano já mal podia resistir quando adiantou-se Maldonado, ostentando uma cinta larga com fivella de prata o fazendo retinir as esporas de domador.

—Patrásingo, leve um facão para defender-se dos francezes e um chimarrão para matar saudades. Não me fiques almofada nessas avenidas. Descanse que ao Primor não hade faltar milho e alfafa florida.

E volie logo, amigo.

—Adeus Maldonado!

Vencendo a barricada das mulheres, parentas e amigas, chegou até o fundo da sala. D. Maria estava quasi desmaiada num sofá, entre a madrinha Luiza e outra senhora.

—Mãe, adeus... e o pranto rompeu forte, convulso do seu peito corajoso.

—Meu filho... meu filho... tão longe... E D. Maria o apertava febrilmente contra o seio. Foi um abraço longo, longo.

A mãe beijava-o nas faces e não  
Continúa na 11.a pag.

## Branco Luar...

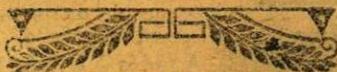
*Branco luar. Noite de Outonno. A Lua  
E' uma lyr: divinol de prata  
Que joga aos arés uma serenata  
De raios frouxos... Lá, no fim da rua,*

*Geme um piano. Na longinqua matta,  
Guiando, triste, a grande magua sua,  
Cae, languoroso, numa pedra núz,  
O jacto immenso de uma azul cascata...*

*Rindo em soluços, num bater de açoite,  
Alli, um gallo, por detrás de um muro,  
Desfere o Hymno Nacional da Noite...*

*Dançando e rindo, um turbilhão de estrellas  
Brinca no espaço, sob um céu escuro,  
Que agora é triste por não comprehendê-las...*

**CASTRO LIMA**



fronte, nos cabellos, na bocca cem e mil vezes.

— Meu filho... meu filho..

Algumas senhoras interviram para separal-os. E Luciano não comprehendia porque tanta dor. Chorava.

Lembrou-se de Eulalia.

— Lalia! onde está Lalia?

Estava na sala contigua sosinha com a face escondida no avental branco e o peito sacudido pelo pranto.

— Lalia, eu vou!

— Luciano.... e não pode mais fallar.... Abraçaram-se em silencio e eile a beijou na frente.

O jovem sahio. Seu pae fumava ainda encostado á tranqueira do curral e conversava com os fazendeiros visinhos. Atirou longe o toscano. Abraçou o filho, beijou-o na frente sem uma lagrima.

— Luciano seja homem, comporte-se bem, não se esqueça de seus paes, escreva-nos a miudo. Luciano apertou machinalmente as mãos de outro fazendeiros, sem pronunciar uma palavra. Subiu na diligencia e partiu.

E por mais que o seu tio que o acompanhou lhe falasse de Pariz e de doutores, elle só via, atravez do prisma de suas lagrimas, a sua mãe desmaiada num sofá, o pae encostado á tranqueira com o toscano na bocca, uma menina chorando com a face escondida no avental, e um cavallo obscuro atado ao tronco de um velho sarandy.

Continúa.

## SOCIAES

A 1—D. Eugénia de V. Neves, muito bemquista em nosso meio.

A 7—D. Babita T. das Neves, nossa devotada consocia e muito presada amiga.

Tambem a 7—D. Avelina Cardozo que em nossa sociedade è muito estii, mada.

Ainda a 7 D. Mariano Corrê Neves, nossa muito presada e bõa amiga.

A 8 O Dr. Ottilio da G. m. Juez de Direito em Miranda, muito bemquisto em nossa sociedade, onde conviveu por alguns annos.

A 12—A gentissima Srta Auta de Siqueira, nossa distincta e estimada consocia.

A 13 D. Luizinha de Carvalho Addor, nossa bondosa amiga.

A 14—D. Marianna de Carvalho Prado' muito estimada entre nós.

A 15—D. Filhinha Pompêo, senhora estimadissima em nosso meio.

Tambem a 15—o Capm. João Licio Borralho, correcto official da Força Publica.

A 19—D. Amelinha de Arruda Alves, nossa presada amiga, a quem o nosso gremio muito deve.

No mesmo dia D. Tinoca de Lemos, senhora muitissimo bemquista em nosso meio.

Tambem a 19 D. Anna de Figueiredo Evangelista, nossa bõa amiga.

A 21—D. Almerinda Gomes Monteiro muito estimada pelas suas maneiras affectuosas.

A 22—D. Alayde Cardozo Ludolf, um dos ornamentos da nossa sociedade.

A 24—A nossa estimada amiga Sta' Carolina do Porto.

A 25—D. Generosa de Mattos, senhora geralmente estimada.

A 26, a senhorita Justina Freitas, actual thesoureira do nosso gremio, ao qual tem prestado reaes serviços.

No mesmo dia o nosso illustrado e sympatico patricio sr. Cesario Prado.

A 27, D. Anathalia Beltrão, muito bemquista entre nós pela sua extraordinaria bondade e maneiras captivantes.

No mesmo dia o travesso Léo, filho querido da nossa presada amiga d. Azelia de Mello.

A todos A VIOLETA apresenta affectivos parabens.

